



HIV/AIDS EM PAUTA: UMA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES DOS PROGRAMAS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

HIV/Aids in focus: an analysis of dissertations in Brazilian Communication Programs

VIH/SIDA en cuestión: análisis de disertaciones de los Programas de Comunicación en Brasil

Renata Barreto Malta

Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e PPGCOM da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
renatamalta@academico.ufs.br

Gabriel dos Santos Cordeiro

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe
gabrielcordeiro@academico.ufs.br

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de teses e dissertações centradas em discutir HIV (vírus) e Aids (doença), desenvolvidas nos Programas brasileiros de pós-graduação em Comunicação no período de 2010 a 2020. Com base nas análises, concluímos que, apesar de modesta, a produção acompanha o percurso da doença em termos epidemiológicos e do uso de novas ferramentas tecno-comunicacionais. Constatamos a preocupação em dar visibilidade a pautas negligenciadas pela mídia convencional. A revisão de estigmas associados a grupos específicos, como de homens gays e mulheres, demonstra o teor político de parte do *corpus*. Evidenciamos a importância da comunicação para o enfrentamento de uma epidemia que não representa apenas um fenômeno social e problema de saúde pública, mas uma construção discursiva.

Palavras-chave: Bibliometria. HIV. Aids. Comunicação.

Abstract

This article presents an analysis of theses and dissertations centered on discussing HIV (virus) and Aids (illness), developed in the Brazilian Postgraduate Programs in Communication from 2010 to 2020. Based on the analysis, we conclude that, although modest, the publications are updated, in epidemiological terms and the use of new techno-communicational tools. We note the concern to give visibility to agendas neglected by traditional media. The review of stigmas associated with specific groups, such as gays and women, demonstrates the political content of part of the *corpus*. We highlight the importance of communication to tackle an epidemic



that represents not only a social phenomenon and public health problem, but a discursive construction.

Key words: Thematic Analysis. HIV. AIDS. Communication.

Resumen

Este artículo presenta un análisis de las tesis y disertaciones centradas en discutir VIH (virus) y SIDA (la enfermedad), desarrolladas en los programas de posgrado en Comunicación brasileiros en el período de 2010 a 2020. Con base en el corpus, hemos concluido que, aunque modesta, la producción acompaña el curso de la enfermedad en términos epidemiológicos y del uso de nuevas herramientas tecno-comunicacionales. Hemos constatado la preocupación en dar visibilidad a las pautas ignoradas por los medios tradicionales. La revisión de estigmas asociados a grupos específicos, como de homosexuales hombres y mujeres, demuestra el tono político de parte del *corpus*. Evidenciamos la importancia de la comunicación para hacer frente a una epidemia que no solo representa un fenómeno social y problema de salud pública, sino una construcción discursiva.

Palabras clave: Análisis Temático. VIH. SIDA. Comunicación.

1 INTRODUÇÃO

Após quatro décadas da descoberta do vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) e do início da epidemia da Aids que atingiu todo o mundo, diversos avanços relativos ao tratamento, prevenção e políticas de saúde vêm sendo conquistados. Não à toa, com a pandemia da COVID-19, a história do surgimento e das respostas à epidemia do HIV, causador da Aids, oferece lições para pensar os desafios e riscos que se descortinam, especialmente no que concerne aos abalos sociais provocados por um vírus desconhecido. As primeiras reações sociais face às duas pandemias foram marcadas fortemente pelo estigma, pela discriminação e pela negação. Porém, tanto antes quanto agora, as doenças evidenciam desigualdades sociais e esbarram na desinformação e na ameaça de governos descrentes da ciência e despreparados para enfrentar tamanho problema.

Hoje, a Aids passa pela fase denominada terceira epidemia (DANIEL; PARKER, 2018), caracterizada pelas reações sociais, culturais, econômicas e políticas frente à doença. Ademais, permanece um fenômeno discursivo¹ que engloba, em uma articulação macro-política e micro-discursiva, os saberes de cientistas, médicos, políticos, religiosos, militantes

¹ Partimos da premissa de que é pelo discurso que construímos as práticas sociais, legitimamos determinados corpos, deslegitimamos outros, elegemos ou contestamos certas naturalizações de saberes hegemônicos. Com bases foucaultianas, consideramos a potência das palavras proferidas e registradas e afirmamos que a persistente repetição dos atos de fala/escrita performativos indexa memórias, crenças, valores e discursos que sistematicamente preterem minorias sociais.

de movimentos sociais e PVHAS² (FAUSTO NETO, 1999). Tais questões continuam a intrigar cientistas de múltiplas disciplinas em relação ao tema.

Os estudos sobre a Aids no Brasil situam-se em um campo considerado interdisciplinar (PARKER, 2000; BASTOS, 2002), principalmente se for levado em consideração todo o espectro relacionado à doença (Aids) e ao vírus (HIV), que envolve problemas de pesquisa tanto nas ciências biomédicas, nas pesquisas genéticas, na indústria farmacêutica, quanto nas ciências sociais aplicadas e humanidades. Vaz (2008) define a área como um campo de pesquisa multidisciplinar.

O presente estudo encontra suporte no campo da Comunicação & Saúde, cuja origem remonta mais de um século, mas que apenas no fim da década de 1980 configurou-se como “espaço multidimensional, formado por teorias, metodologias, políticas, práticas, instituições, interesses, acordos e lutas” (ARAÚJO, 2009, p. 43-44). Ele é fruto, no Brasil, dos debates em torno da saúde pública trazidos com a construção do SUS (Sistema Único de Saúde) e das problematizações e revisões do papel da Comunicação articulada à Saúde. Trata-se de uma opção teórica e política (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 20).

Partindo desse pressuposto, buscamos examinar os avanços científicos em Comunicação no âmbito do HIV/Aids³, através de um estudo bibliométrico. Assim, procuramos identificar e analisar as produções desenvolvidas nos Programas brasileiros de pós-graduação em Comunicação, no período de 2010 a 2020, que continham os termos HIV e/ou Aids em seu título, resumo e/ou palavras-chave.

Neste âmbito, a importância do presente estudo é discernir e quantificar o que vem sendo escrito sobre HIV e Aids em uma perspectiva comunicacional, bem como refletir sobre os temas e modelos de investigação que norteiam tais publicações, mostrando um panorama dos estudos desenvolvidos na última década, as lacunas científicas existentes e futuras prioridades de investigação.

2 UMA EPIDEMIA ANUNCIADA

Antes de descrevermos os procedimentos e resultados da etapa empírica, debruçemo-nos em alguns dados sobre a situação atual em relação ao HIV e à Aids no país. Do ponto de

² Pessoa(s) vivendo com HIV/AIDS.

³ Os termos HIV (vírus) e Aids (doença) serão escritos ao longo do artigo, inclusive no título, separados por barra e com essa grafia não por serem sinônimos, como já bem pontuamos, mas por ser esta a forma como se encontram registrados nos boletins epidemiológicos periodicamente publicados pelo Ministério da Saúde e em diversos estudos publicados em revistas científicas.

vista epidemiológico, há a indicação recorrente de uma estagnação em que deveria haver retração no número de novas infecções pelo HIV no Brasil. Segundo o último Boletim publicado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), foram diagnosticados 32.701 novos casos de HIV e 29.917 casos de Aids, em 2020. Em 2019, foram diagnosticados 43.312 casos de HIV e 37.731 casos de Aids. A acentuada queda no registro de novos casos entre 2019 e 2020 é atribuída à pandemia da Covid-19, considerando o isolamento social e o acesso restrito às unidades de saúde. No período de 1980 a junho de 2021, foram registrados 1.045.233 casos de aids no país.

Por região, a porcentagem de casos notificados de 2007 até junho de 2021 indica 46% no Sudeste, 20% na região Sul, 18% no Nordeste, 9% na região Norte e 7% no Centro-Oeste, sendo o Sudeste e o Nordeste as regiões que mais cresceram em número de novos casos no último ano. Os motivos que levam a essa discrepância entre as regiões brasileiras não foram investigados pelo presente estudo, e se mostra um caminho instigante para futuras pesquisas. No que se refere à faixa etária e raça, evidenciamos que a maioria dos casos de infecção pelo HIV encontra-se em indivíduos com idade entre 25 e 39 anos: 52,0% dos casos do sexo masculino e 47,8% dos casos do sexo feminino pertencem a essa faixa etária; 40,9% ocorreram entre brancos e 49,7% entre pessoas negras. Quando analisados os casos de aids nos últimos dez anos, observou-se queda de 9,8 pontos percentuais na proporção de casos entre pessoas brancas. No mesmo período, houve aumento de 12,9 pontos percentuais na proporção de casos entre as pessoas negras.

De 1980 até junho de 2021, foram registrados 688.348 (65,8%) casos de aids em homens e 356.885 (34,2%) em mulheres. No período de 2002 a 2009, manteve-se em 15 casos em homens para cada dez casos em mulheres, em média. No entanto, a partir de 2010, observa-se um aumento na razão de sexos, que chegou a 24 casos em homens para cada dez casos em mulheres em 2020. Entre os homens, no período referido, verificou-se que 51,3% dos casos foram decorrentes de exposição homossexual ou bissexual, 31,4% heterossexual e 2,0% entre usuários de drogas injetáveis (UDI). Entre as mulheres, nessa mesma faixa etária, nota-se que 86,5% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual, 1,4% na de UDI e 12,1% não informado.

No âmbito médico-científico, estamos diante de um contexto marcado pela cronicidade do HIV, alcançada graças à terapia antirretroviral⁴, que, quando bem administrada, ajuda a zerar a carga viral no organismo e tornar o usuário da medicação indetectável (SQUIRE, 2010). Há também o desenvolvimento de outras tecnologias de prevenção para além da camisinha, como o uso da PrEP⁵ (Profilaxia Pré-Exposição) e da PEP⁶ (Profilaxia Pós-Exposição).

Para além de números, passados 40 anos desde seu aparecimento público, algumas características da Aids também mudaram, como, por exemplo, as transformações das expressões “grupo de risco” para “comportamento de risco” e, posteriormente, para noções como “vulnerabilidades” e “populações-chave” (COSTA, 2014). Esse amadurecimento discursivo, em tese, reforça que todas as pessoas podem vir a ser afetadas pela epidemia independentemente de sua condição sexual e etária. As estatísticas concernentes ao grupo social heterogêneo que convive com o vírus e/ou com a doença, assim como os ruídos que desestabilizam esses dados, materializados em uma projeção do número de possíveis infectados desavisados, escancaram a relevância dos estudos sobre o tema no campo da Comunicação Social, foco deste artigo.

2.1 Comunicação e inteligibilidade do HIV/AIDS no Brasil

A comunicação como dispositivo de construção da realidade (FAUSTO NETO, 1999) ainda assume um papel incomparável para o entendimento público e enfrentamento da epidemia. A Aids foi a primeira doença a ser noticiada nas páginas dos jornais, antes mesmo que se soubesse o que a causava e a comunidade científica tivesse lhe dado um nome (GALVÃO, 2002). Nesse contexto, uma epidemia que não apenas se materializava no corpo, mas também uma “epidemia discursiva” (TREICHLER, 1987).

O que poderia ser lido desde o início como um problema de saúde pública, que causava óbitos com agilidade e de modo sofrido, foi reduzido a metáforas – que não necessariamente foram criadas pela imprensa, mas amplamente difundida por esta – como “câncer rosa”, “peste gay”, “doença de ‘puta’”, “viado”, “estrangeiro e drogado” (ALMEIDA,

⁴ A distribuição no Brasil dos antirretrovirais está alinhada com a estratégia nacional e internacional conhecida como TcP, Tratamento como Prevenção, que visa identificar e oferecer tratamento a pessoas com HIV, como uma das frentes de ação para controle da epidemia.

⁵ A PrEP é um medicamento mais recente, que começou a ser utilizado no Brasil pela rede pública em 2017. O medicamento, também conhecido como Truvada, deve ser ingerido diariamente para que a pessoa se mantenha imune ao vírus.

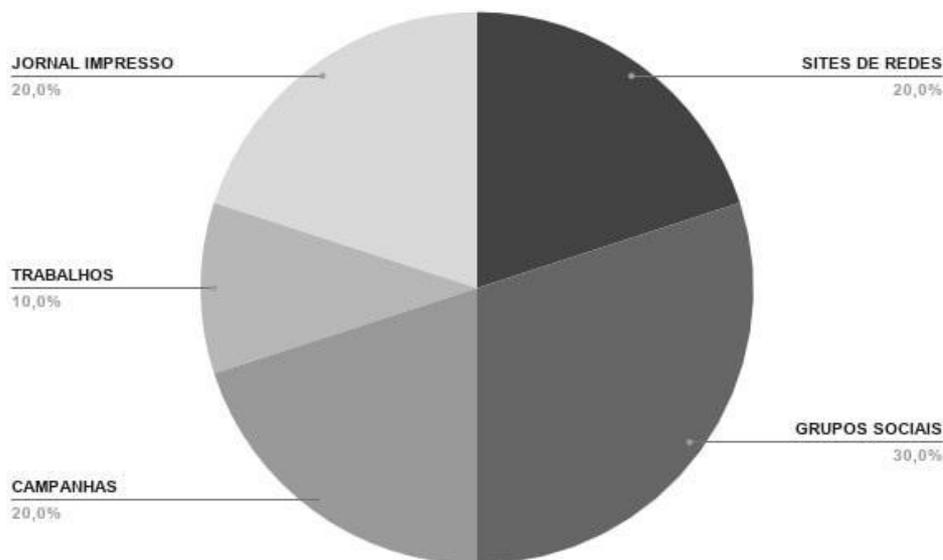
⁶ A PEP já vinha sendo utilizada pelo Serviço Público de Saúde no Brasil desde 2010, porém o medicamento já existe desde a década de 1990.

2017). Nesta perspectiva, tais construções metafóricas estavam mais diretamente associadas aos estigmas e preconceitos do que propriamente aos sinais e sintomas do vírus (SONTAG, 1989). Estigma não como qualidade fixa, mas como construção sociocultural, cujo processo é histórico, mutável e se estabelece nas relações de depreciação do outro (GOFFMAN, 2004).

Nesse ínterim, a mídia trabalhou mais no sentido de amedrontar do que de educar, e as campanhas foram direcionadas à parábola dos “5H”: ‘homossexuais, heroinômanos (viciados em heroína), hemofílicos, haitianos e hookers (profissionais do sexo)’, que assinalou um tipo de sexualidade (a homossexual), um marcador de raça/etnia (negritude e latinidade) (PELÚCIO, 2007). Portanto, encobriu o espalhamento da doença em sujeitos “fora do alvo” – homens e, sobretudo, mulheres heterossexuais com relacionamentos estáveis (REZENDE, 2012) e contribuiu para a segregação e marginalização dos grupos apontados como “de risco”.

A epidemia de HIV/Aids não representa, assim, apenas um fenômeno social, mas uma construção discursiva (SOARES, 2001), objeto de estudo potencialmente relevante para pesquisadores/as do campo da comunicação. Nesse sentido, nosso olhar se volta à produção científica sobre HIV/Aids, mais especificamente às teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação do país, entre os anos de 2010 e 2020 (Gráfico 1). Dentre os 7.873 trabalhos dessa natureza defendidos no período, segundo informações do catálogo de Teses e Dissertações da Capes, identificamos apenas 10 dissertações de mestrado (e nenhuma tese de doutorado) que apresentavam os termos “Aids” e/ou “HIV” no título, resumo ou palavras-chave, coletados no banco de teses e dissertações da Capes, e nos sites de 52 Programas de pós-graduação (PPGs) em Comunicação⁷. Desses, nove propuseram como objeto de análise as mensagens comunicacionais com foco em diferentes meios, a saber: jornais impressos (ALMEIDA, 2017; CAMPO, 2018), campanhas publicitárias governamentais (AZEVEDO, 2013), sites de redes sociais (SILVA, 2012; COSTA, 2014; AZEVEDO, 2019), como também as práticas discursivas entre pessoas vivendo com HIV/Aids (REZENDE, 2012; FURTADO, 2014; SILVA, 2016).

⁷ Os programas foram consultados através do site da Compós – Associação Nacional dos Programas de pós-graduação em Comunicação.

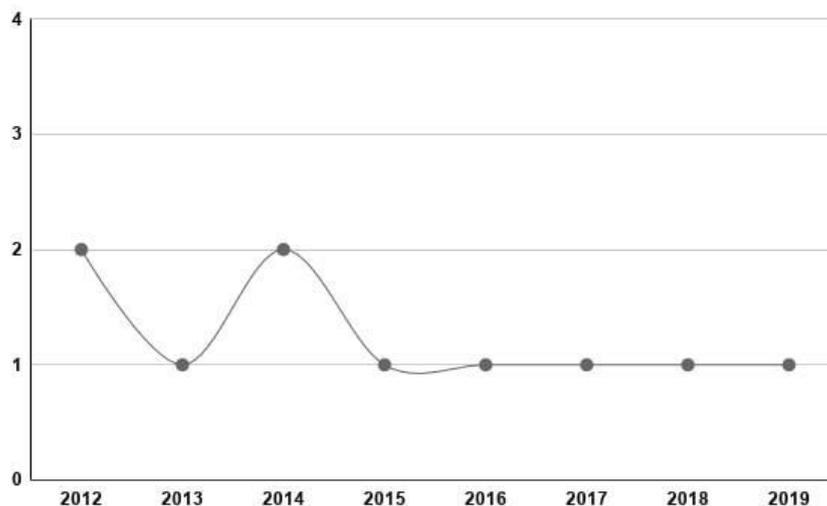
Gráfico 1 - Dissertações sobre HIV/Aids por objeto analisado (2010-2020)

Fonte - Elaborado pelos/as autores/as a partir dos dados do BDT/CAPES

A baixa frequência de estudos centrados na temática em questão certamente tem muito a dizer, sobretudo considerando o protagonismo da comunicação para o entendimento e enfrentamento da epidemia. No entanto, não nos debruçamos em buscar respostas para explicar essa lacuna – ainda que se trate de uma questão relevante –, nosso olhar se volta a compreender o que esses dez trabalhos acadêmicos nos têm a oferecer.

2.2 HIV/Aids e comunicação 2010-2020: aspectos quantitativos

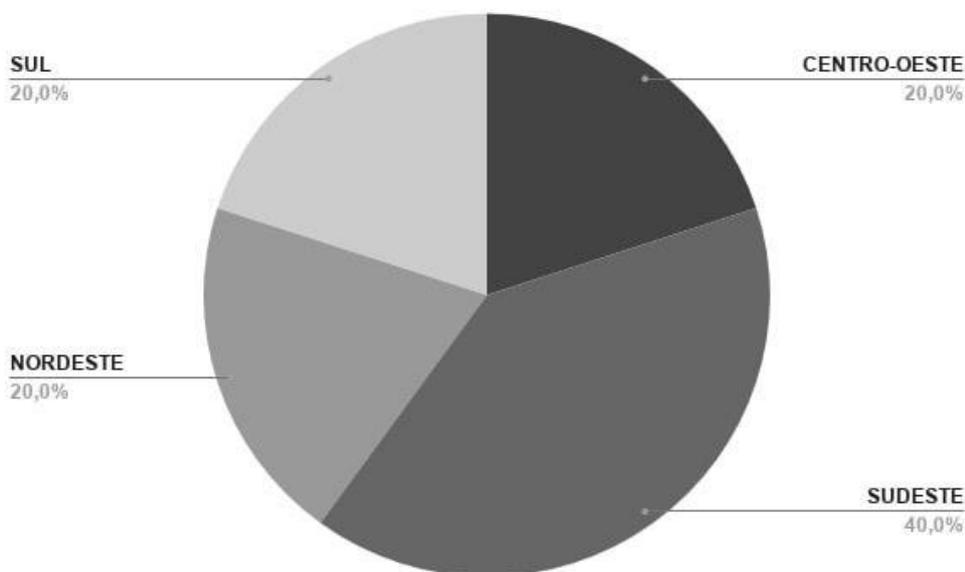
De acordo com os resultados quantitativos, se notarmos a produção total por ano (Gráfico 2), não houve pesquisas em 2010 e 2011; em 2012 e 2014 temos dois trabalhos por ano. Assim, em 10 anos de pesquisa, mantivemos o padrão de uma publicação por ano.

Gráfico 2 - Dissertações sobre HIV/Aids por ano (2010-2020)

Fonte - Elaborado pelos/as autores/as a partir dos dados do BDT/CAPES

Partindo para uma observação geográfica, se analisarmos a localização das produções (Gráfico 3), vemos que a região Sudeste abriga a maior parte dos trabalhos, a metade do *corpus* analisado. Este dado nos chama a atenção, já que a região possui a taxa mais elevada de pessoas vivendo com HIV/Aids – 46% do total – e é a que mais cresceu em número de novos casos no último ano, segundo o Boletim Epidemiológico de 2021 pelo Ministério da Saúde. Em seguida, observamos o Centro-Oeste, o Nordeste e o Sul, com dois trabalhos cada, e a região Norte, onde não houve nenhuma publicação. Essa disparidade na produção de investigações deve ser analisada em relação à assimetria de programas de pós-graduação de cada região do país. As regiões Sul e Sudeste são as que mais possuem PPGs em comunicação, ademais, foi na região Sudeste que se fundaram os primeiros PPGs da área.

Gráfico 3 - Dissertações sobre HIV/Aids por região brasileira (2010-2020)



Fonte - Elaborado pelos/as autores/as

Gráfico 4: Dissertações sobre HIV/Aids por PPGs (2010-2020)

PROGRAMA	PROGRAMA ▲
Faculdade de Comunicação UnB	1
Icict-Fiocruz	1
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1
PPGCOM UFJF	1
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA UFRN	1
PPGCOM UFRGS	1
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo UFPB	1
PPGCOM UFG	1
Escola de Comunicação, Arte e Design PUC	1
fafichUFMG	1

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as a partir dos dados do BDT/CAPES

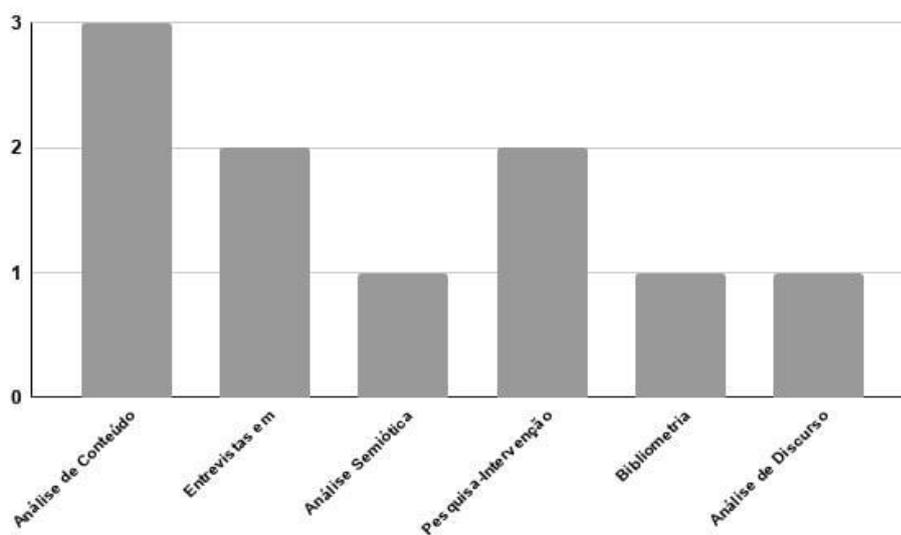
3 O CONTEÚDO EM FOCO: ASPECTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E EMPÍRICOS

Ao voltarmos nosso olhar às discussões propostas pelas dissertações de mestrado identificadas na bibliometria, buscaremos pormenorizar aspectos consonantes e plurais que emergem, os quais ganham significado como agrupamentos, mas também em sua individualidade, especialmente quando constatamos o grau de representatividade que estas produções engendram para a temática, no subcampo Comunicação e Saúde, ao serem singulares em uma década de incessante produção acadêmica.

Retomando as análises, dentre os trabalhos que compõem o *corpus*, o enfoque mais frequente – que se desdobra em perguntas de pesquisa – se dirige à preocupação com os indivíduos que vivem com o vírus, suas práticas discursivas e como elas construíram e continuam a construir formas de responder não só ao espalhamento do vírus, como aos acentuados processos de exclusão e discriminação engendrados tanto no início da epidemia quanto atualmente (PELÚCIO, 2007).

Revelar-se soropositivo implica, muitas vezes, ser alvo de uma série de questionamentos acerca de sua intimidade, o que normalmente não acontece em relação a outras doenças. Nesse ponto, viver e conviver com HIV – sobretudo para identidades LGBTQIA+, mulheres, idosos e negros – significa, em maior ou menor grau, “estar sujeito a essa miríade de questões que estão impregnadas em práticas sociais, formas de subjetivação e em sociabilidades distintas” (AZEVEDO, 2019, p. 12), essa problemática também foi de grande relevância no *corpus* analisado.

Mais além, outros trabalhos investigam o conteúdo textual, imagético e audiovisual das mensagens utilizadas para comunicar o HIV/Aids, e suas linguagens engendradas nos meios de veiculação. Assim, as principais abordagens metodológicas empregadas (Gráfico 5) e suas combinações servem à solução dos problemas de pesquisa a partir dessas reflexões.

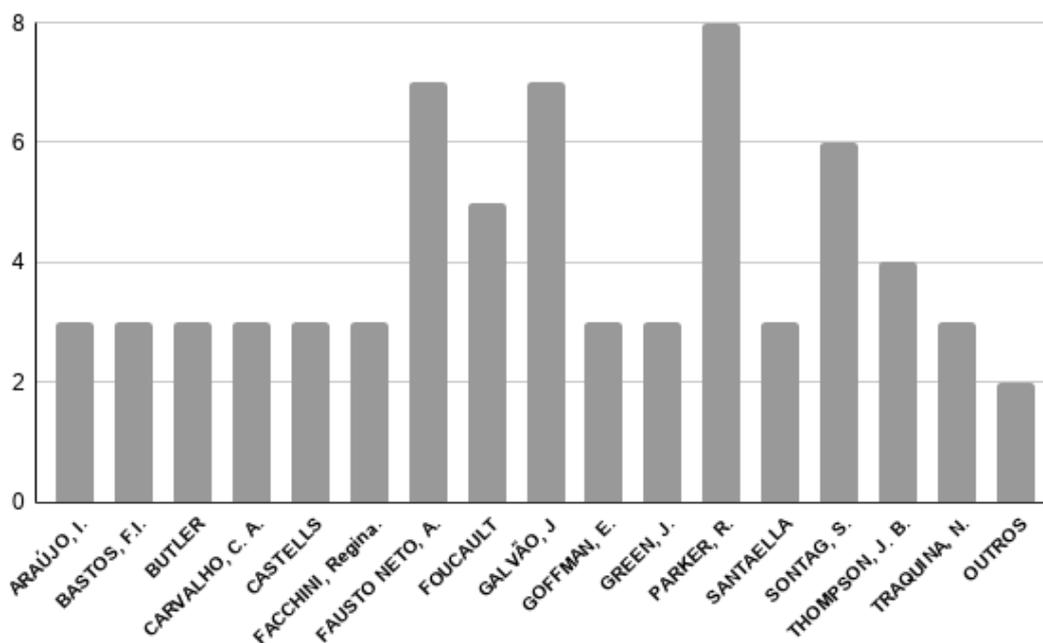
Gráfico 5 - Principais aportes metodológicos em dissertações sobre HIV/Aids (2010-2020)

Fonte - Elaborado pelos/as autores/as a partir dos dados do BDT/CAPES

Com base no gráfico acima, podemos observar que a Análise de Conteúdo é o aporte metodológico mais frequente desses/as pesquisadores/as, presente em três trabalhos. Em seguida, a entrevista em profundidade, combinada com a Análise de Discurso, foi a trajetória metodológica de outros dois estudos. A diversidade de abordagens denota que, embora a análise de mensagens (verbais e imagéticas) tenha sido o caminho mais comum para responder as indagações que nortearam as pesquisas em questão, são múltiplas as possibilidades metodológicas.

Ao focarmos nossas atenções nos autores e autoras mais frequentemente referenciados nas dissertações analisadas, deparamo-nos com uma lista que descortina, por um lado, a interdisciplinaridade entre Comunicação e Saúde como um subcampo que começa a se firmar, por outro, a centralidade em alguns poucos nomes que passam a representá-lo. Para essa discussão, apresentamos no gráfico abaixo autores/as referenciados/as em ao menos três das dez dissertações que compõem o *corpus*.

Gráfico 6 - Dissertações sobre HIV/Aids por autores (2010-2020)



Fonte - Elaborado pelos/as autores/as a partir dos dados do BDT/CAPES

Buscando estabelecer relações entre as teorias acionadas por esses autores e autoras, partimos do mais geral para o mais específico, e não propriamente do protagonismo dos/as referenciados/as e frequência de aparição. Richard Parker⁸ é o nome de maior relevância no *corpus* para refletir aspectos antropológicos e sociológicos relacionados à epidemia da Aids. O autor denomina o HIV um vírus ideológico que se espalha com habilidade e destreza no tecido social, ampliando as desigualdades delineadas a partir de marcadores, como de classe, gênero e sexualidade. Suas reflexões habitam as distintas etapas das dissertações analisadas, contribuindo para a construção de capítulos teóricos e empíricos. Menos frequentemente acionado, Francisco Inácio Bastos também é um autor importante para dispor uma espécie de cronologia da doença, focando suas atenções em aspectos culturais e sociais.

Com um olhar centrado nas discursividades sobre a Aids marcadas pela moralidade, ora disfarçadas de ciência, ora de religiosidade, Susan Sontag ganha relevância para a discussão da temática, sendo a obra mais mencionada o livro “A Doença como Metáfora: Aids e suas metáforas (1989)”. Suas asserções sobre a forma como a sociedade posiciona

⁸ Parker é antropólogo e sociólogo estadunidense professor titular e chefe do Department of Sociomedical Sciences e diretor do Center for Gender, Sexuality and Health na Mailman School of Public Health da Universidade Columbia em Nova Iorque, professor Adjunto no Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Diretor Presidente do Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids.

soropositivos como corpos estranhos e abjetos conecta o pensamento da autora ao de Judith Butler. Com menos protagonismo, Butler não discute especificamente a Aids como gatilho para a adjeção de corpos, mas suas reflexões, enquadradas nos Estudos Queer, são pertinentes para a teorização de parte das produções. Michel Foucault – importante referencial da própria Butler – é frequentemente acionado. Sua presença, na maior parte das vezes, se dá para discutir a história da sexualidade, embasar a biopolítica e disputas de poder.

Ainda de forma relacional, percebemos que a discussão do estigma social também se dá por outras lentes, como as de Ervin Goffman, ao refletir sobre a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social. Neste sentido, as discussões sobre identidade social ganham a cena e trazem à baila referenciais que se propõem a estudar especificamente as identidades LGBTQIA+ e os movimentos sociais, a partir da ótica da historicidade – aqui, os mais citados são James Green e Regina Facchini.

Em termos teóricos, até o momento não adentramos no subcampo da Comunicação e Saúde. A porta para a interdisciplinaridade se abre com Inesita Soares de Araújo, por vezes em tópicos puramente teóricos, por vezes com exemplos práticos. A autora reforça que a comunicação é essencial para o fortalecimento das ações que beneficiam a saúde da população. De modo interdisciplinar, o enfoque ao HIV/Aids se constrói especialmente por Jane Galvão e Antônio Fausto Neto, com as obras “Aids no Brasil: a agenda da construção de uma epidemia” e “Comunicação e Mídia Impressa: Estudo sobre a AIDS”, respectivamente. Assim, podemos afirmar que estes dois nomes são basilares para a discussão da temática a partir da ótica da Comunicação e Saúde. Carlos Alberto de Carvalho, ainda que menos frequentemente referenciado, se debruça a discutir a epidemia mediada pelos meios de comunicação. Em todos os casos há uma certa centralidade em se pesquisar os meios convencionais - como jornal impresso e televisão, mais especificamente a partir do jornalismo.

Por fim, identificamos nesta lista autores do campo da Comunicação, acionados por diferentes razões, como Manuel Castells, Lúcia Santaella, John Brookshire Thompson e Nelson Traquina. Este último, ainda que conhecido como teórico do jornalismo, é referenciado pela obra “Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são (2005)”, em que se propôs a debater a noticiabilidade a partir da problemática da Aids.

Retomando o movimento analítico das dissertações, identificamos que algumas pesquisas, em graus distintos, articularam um direcionamento do objeto para grupos ou sujeitos específicos, como podemos observar no quadro abaixo.

Gráfico 7 - Principais grupos referidos em dissertações sobre HIV/Aids (2010-2020)

GRUPO REFERIDOS ▼	GRUPO REFERIDOS
PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS	3
MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS	2
HOMOSSEXUAIS	2
ESTADO DA ARTE	1
ADOLESCENTES E JOVENS	1

Fonte - Elaborado pelos/as autores/as a partir dos dados do BDT/CAPES

Ao todo, três trabalhos abordaram os estigmas, a realidade e os enfrentamentos das identidades homossexuais à epidemia da doença (SILVA, 2012; CAMPO, 2018; AZEVEDO, 2019). Silva (2019), por meio da Análise de Conteúdo das postagens publicadas pelo Ministério da Saúde nas redes sociais online, afirma que o discurso do órgão em 2012 enfatiza a prevenção e o diagnóstico precoce. Segundo as conclusões apresentadas, a interação com os usuários também é um dos destaques do trabalho do Ministério nas redes. A autora aponta para as novas possibilidades no campo da Comunicação em Saúde a partir das redes sociais online e como o direito de acesso a informações dos cidadãos é ampliado nesses espaços virtuais.

Campo (2018) realiza uma análise qualitativa de cinco reportagens sobre a Aids, inscritas no “Jornal do Nuances⁹” (1998-2016). Referenciando Parker e Aggleton (2001), Campo (2018) discute a “epidemia de significação”, dada à articulação discursiva jornalístico-biomédico-midiática no surgimento da Aids por meio de mecanismos simbólicos da linguagem, metáforas poderosas que legitimam o processo de estigmatização, violenta e marginaliza as livres expressões sexuais, grupos e indivíduos fora do padrão normativo.

O pesquisador assevera que, no referido período, grande parte da imprensa nanica ou imprensa alternativa (MACRAE, 1991 apud CAMPO, 2018)¹⁰ LGBTQIA+ brasileira se constituiu conforme as demandas de seu público-alvo e configura uma linguagem e um propósito político. Dessa forma, a exemplo do próprio jornal analisado, essa arena de

⁹ Um meio de comunicação produzido, desde 1998, por uma ONG voltada para a defesa dos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

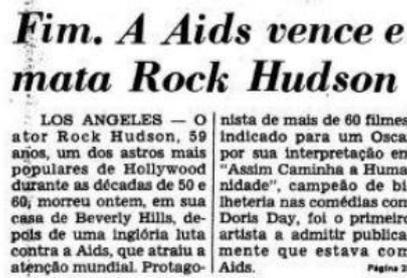
¹⁰ Como recupera MacRae, o lançamento de jornais com periodicidade irregular era uma forma de jornalistas que trabalhavam na grande imprensa e sofriam censura pelo severo controle ditatorial, produzirem materiais com viés político contestador, uma vez que eram expostos a constrangimentos de suas liberdades nas redações. Desta forma, “nascia a imprensa alternativa ou a imprensa nanica” (MACRAE, 1990, p. 69).

publicações em mídias alternativas funcionavam como um "agente de enfrentamento", sobretudo da epidemia de significação (PARKER; AGLLETON, 2001).

A pesquisa constata a necessidade de campanhas governamentais sobre HIV/Aids e sugere que os veículos de massa e produção de informações abdicuem dos discursos e políticas públicas moralistas e proibitivas. Ele também resgata as discussões sobre relações de poder e grupos identitários privilegiados para compreender esse processo de estigmatização da epidemia e como as notícias em jornais impressos participaram desse sistema discursivo discriminatório.

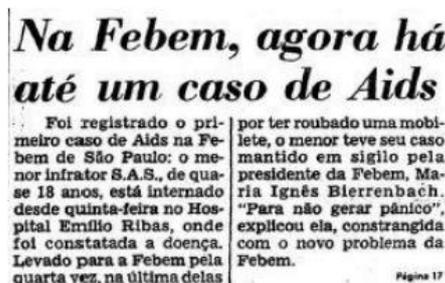
Ainda sobre os discursos dos meios tradicionais, Almeida (2017) estuda a representação social das Pessoas Vivendo com HIV/Aids (PVHA) na mídia impressa, corporificada pelas reportagens de capa publicadas pelo jornal "O Estado de S. Paulo", nos anos de 1985 e 2015. Abaixo recuperamos algumas reportagens que foram analisadas pelo autor:

Figura 1 - Recorte da capa do Estado de S. Paulo do dia 3 de outubro de 1985



Fonte - Almeida (2017)

Figura 2 - Recorte da capa do Estado de S. Paulo de 13 de novembro de 1985



Fonte: Almeida (2017)

Figura 3 - Recorte da capa do Estado de S. Paulo de 21 de julho de 1985

Fonte: Almeida (2017)

O autor observa que a representação social das PVHA na mídia impressa é de homens homossexuais, promíscuos e culpados por sua soropositividade. Constatou ainda que esta representação não teve alterações em seu núcleo central ao longo de mais de 30 anos, apenas com alterações em seu sistema periférico, com substituição da ideia de “grupos de risco” para a de “comportamentos de risco” ou “vulnerabilidade”.

Se os meios de comunicação de massa, em grande medida, corroboraram para perpetuar estigmas, como observamos em Almeida (2017) e Campo (2018), os meios digitais e, mais especificamente, os espaços de compartilhamento nas redes desestabilizam as relações de poder em voga. Azevedo (2019) reflete em seu estudo sobre estes ambientes, especialmente "como o YouTube serve como plataforma para a visibilidade da experiência da soropositividade em suas dimensões mais amplas" (AZEVEDO, 2019, p. 15). Em um movimento empírico, o pesquisador explora quatro canais do YouTube protagonizados por homens gays que vivem com HIV e que relatam suas experiências com o vírus: “Boa Sorte”¹¹, “HDIário”¹², “Super Indetectável”¹³ e “Falo Memo!”¹⁴

O autor operacionalizou a análise do material em três categorias: “armário da soropositividade”, “HIV não é Aids” e “espaços seguros”. Como desfecho, a pesquisa identificou um exercício de positivação da soropositividade, que se dará de modos distintos na

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCcg2yzvxj11Lc8LMjo6y1Tg>> . Acesso em: 20 dez. 2020.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCzJHW09mot3JJvSqJi_ve-g?pbjreload=10>. Acesso em: 20 dez. 2020.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC48y6mvG0I8ugyceRibgahw>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC5T4b6Nbe-rBRjqtOzMG7tg>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

experiência de cada sujeito e através dos canais no YouTube, dando forma a narrativas acessadas por um grande número de pessoas.

Estudar essas narrativas dissidentes foi o cerne de três trabalhos do *corpus* (COSTA, 2014; SILVA, 2016; e ALMEIDA, 2017). Costa (2014) confirma a sua hipótese de que "há, em alguns momentos, dissonâncias de sentido entre os discursos e saberes institucionalizados que compõem as campanhas de mobilização à Aids do Ministério da Saúde e os discursos cotidianos mobilizados por soropositivos" (COSTA, 2014, p. 192). Nessa análise, tais dissonâncias apontam para a resistência dos sujeitos às mensagens oficiais das campanhas, como identifica em suas práticas discursivas o peso dos estigmas relacionados ao HIV/Aids – o fato de a Aids ser necessariamente letal ou um mal causado por promiscuidade. A pesquisadora também apontou discursos contraditórios entre a mesma instituição sobre os sentidos de viver com HIV/Aids: "ora ele é apresentado positivamente, como uma 'vida de qualidade', ora como uma 'vida nada fácil'". Por fim, a pesquisa aponta a necessidade de se considerar a percepção e experiência de pessoas que convivem com a doença, como produtores de discursos, para, dessa forma, conceber campanhas de prevenção e saúde voltadas ao HIV/Aids.

Ainda com foco na visibilidade de vivências e positivação, a dissertação de Silva (2016) possui um caráter teórico-prático. O autor compôs um livro-reportagem sobre as pessoas que vivem com HIV, em Pernambuco. Dessa forma, ele mostra, por meio das próprias PVHA, como eles experienciam suas soropositividades, desmistificando preconceitos e visões hegemonicamente estabelecidas sobre HIV/Aids.

Com o olhar voltado aos grupos sociais, dois trabalhos se dedicam a discutir sobre mulheres vivendo com HIV/Aids (REZENDE, 2012; AZEVEDO, 2013). Rezende (2012) investigou, através de entrevistas em profundidade, as práticas discursivas de mulheres que vivem com o HIV/Aids e se reúnem na ONG "Grupo pela Vida", no Rio de Janeiro. A autora evidencia a construção dos estigmas, silêncios e silenciamentos em torno da epidemia da Aids e seu contexto de feminização. Ela conclui que os silêncios significantes que cerceiam as mulheres soropositivas, na maioria das vezes, são formas de evitar a dor ou constrangimentos, mas que essas mulheres também buscam espaços alternativos em que possam se expressar e se solidarizar com pessoas em situações semelhantes. Segundo a autora, no caso das mulheres, "há um duplo preconceito – a doença em si e o fato de serem mulheres –, o que dificulta os seus processos comunicativos, tanto em relação à sociedade, quanto com seus parceiros e familiares" (REZENDE, 2012, p. 98).

Uma das faces desse preconceito se estrutura na cultura patriarcal que posiciona a esfera reprodutiva (que assegura a continuidade da espécie e da vida) como de responsabilidade das mulheres, associada ao matrimônio e ao cuidado da família (HIRATA; KERGOAT, 2007). Nesse contexto, o vírus seria um problema insuperável para a mulher no sentido que a distancia do seu papel social, por colocar em risco a maternidade.

A força das imagens como elemento de significação foi central no estudo desenvolvido por Azevedo (2013), ao propor uma análise semiótica¹⁵ de seis cartazes do Ministério da Saúde relativos à campanha de prevenção sobre o risco do HIV e da Aids destinada ao público feminino. Contemplamos abaixo três cartazes do *corpus* analisado (Figura 4).

Figura 4 - Cartazes de prevenção à Aids destinados ao público feminino



Fonte - Azevedo (2013)

Segundo a autora, os cartazes traziam "Contratos de prevenção de saúde". Nesse caso, informações, elementos visuais e textuais que incentivam o uso do preservativo, como a realização dos testes anti-HIV e um sobre o que a autora definiu como “preconceito, preservativo e teste”.

Azevedo (2013) também contextualiza como alguns cartazes empoderam as mulheres para assumir o controle da sua sexualidade e da prevenção em relação a sua saúde. Porém, a realidade desestabiliza a emancipação de mulheres, uma vez que na sociedade machista em que estamos inseridos a decisão de optar pelo uso do preservativo significa um

¹⁵A semiótica constitui-se na ciência geral dos signos, que estuda os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação (AZEVEDO, 2013). A autora fundamentou sua análise em conceitos do linguista Ferdinand Saussure, bem como dos semioticistas Jean-Marie Floch e Algirdas Julien Greimas para avaliar os aspectos visuais presentes nos anúncios.

posicionamento ideológico que, na maioria das vezes, não é uma escolha livre das mulheres dentro de um relacionamento. Sobre o uso de preservativo, o "Estudo Olla de Comportamento Sexual" (MARIE CLAIRE, 2017) – que entrevistou jovens em todo o território nacional – constatou que enquanto 45% dos homens carregam consigo com frequência preservativos, apenas 29% das mulheres têm essa prática.

A pesquisa descortina que o principal obstáculo é o sentimento na hora da compra do produto, pois mais de 40% se sentem constrangidas e julgadas como promíscuas ao adquirir o preservativo. Assim, a pesquisa escancara que amarras sociais alicerçadas no machismo tolhem o direito da mulher (ainda que por questões morais) à própria sexualidade. Paradoxalmente, Azevedo (2013) conclui que o estigma relacionado ao diagnóstico positivo impacta mais na forma como as mulheres são vistas/culpabilizadas em detrimento dos homens. Seria, desse modo, um duplo julgamento que, primeiramente, dificulta o acesso às formas de prevenção e, posteriormente, as culpabiliza de modo mais severo.

A preocupação com os jovens também teve centralidade em um dos trabalhos analisados, tendo em vista que eles fazem parte da faixa etária mais afetada e com maiores índices de diagnósticos positivos para o HIV. Furtado (2014) investiga, em um trabalho teórico-prático, como as estratégias de comunicação midiática desenvolvidas no *Viva Mãe Luiza*, por meio de oficinas educacionais, auxiliaram na aprendizagem para a prevenção e redução de vulnerabilidades às DST/Aids por adolescentes e jovens moradores da comunidade de Mãe Luiza, em Natal-RN, de 2012 a 2013. Em sua dissertação, o autor defende a educação comunicativa como primordial para a prevenção de DST/Aids e redução de um dos fatores de vulnerabilidade a que os adolescentes e jovens estão expostos: a falta de informação sobre o assunto.

Por fim, o estudo exploratório e o estado da arte da pesquisa brasileira foi o tema proposto por Santos (2015). O autor analisou, com base em indicadores bibliométricos de ocorrência de palavras-chave, a dimensão cognitiva da pesquisa brasileira em HIV/Aids indexada na *Web of Science*, no período 1993-2013. Dessa forma, a pesquisa apontou indícios de crescimento exponencial na pesquisa brasileira em HIV/Aids, contudo, também evidenciou que a maioria delas tinha como idioma a língua inglesa e predominou-se temáticas na área da saúde: "doenças infecciosas, Saúde pública, Imunologia" (SANTOS, 2015, p. 66). O estudo não deu centralidade ao tema relacionado ao campo da Comunicação Social, mas coaduna com nossos achados ao sinalizar que a Comunicação e Saúde é um subcampo em que a temática é pouco estudada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário contemporâneo, no que concerne aos direcionamentos e sentidos imbricados à epidemia HIV/Aids, é marcado por uma disputa de repertórios narrativos, midiáticos e pela reemergência do estigma da Aids como ferramenta *necropolítica* (CAZEIRO, NOGUEIRA, SOUZA, 2020). O conceito, cunhado por Mbembe (2018), tem como referência um pensamento pós-colonial que identifica os modos como determinados grupos sociais são sistematicamente eliminados pelo Estado e, assim, passível de ser aplicado em variados contextos e épocas. No *corpus* de análise, a necropolítica associada a soropositivos esteve ausente das discussões e teorizações e ocupou as considerações finais de uma única dissertação, defendida no ano passado (AZEVEDO, 2019). A postura de abandono e negligência que culpabiliza grupos vulneráveis pela disseminação do vírus e exime do Estado a responsabilidade por manter os contagiados vivos é, aqui, lida como processo de gestão da morte. Foi na anterior plataforma político-governamental (2018-2022), posicionada à extrema direita do espectro político, que a quarta década da epidemia emergiu apartada dos direitos humanos, colocando em risco estratégias de prevenção já consolidadas (CAZEIRO et.al., 2020). Ela foi responsável pela redução das possibilidades de atenção integral e manutenção da política nacional de IST/HIV/Aids¹⁶¹⁷, como também desperta processos de exclusão social ainda presentes no cotidiano das pessoas que vivem com HIV/Aids no Brasil¹⁸.

Entendemos que a construção da ciência é processual e que uma área relativamente jovem no Brasil, como a Comunicação Social, ainda tem um longo caminho a trilhar. Aos poucos, assistimos também a novas problematizações e abordagens do campo em convergência com os debates em Saúde Pública. Na última década de pesquisa em comunicação, deparamo-nos com dez dissertações que tratam o HIV/Aids como desafio epistemológico. É provável que esse nosso lugar de “iniciantes” tenha sua parcela de vantagem, especialmente se sentados na primeira fila, ávidos por investigar.

¹⁶ O Ministério da Saúde durante o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) deixou vencer contrato e suspendeu os exames de genotipagem no Sistema Único de Saúde (SUS) para pessoas que vivem com HIV/Aids (ISTO É DINHEIRO, 2020).

¹⁷ O Decreto Nº 9.795, de 17 de Maio de 2019, modifica a estrutura do Departamento de IST, AIDS e Hepatites Virais passa a se chamar “Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis” (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA AIDS, 2019).

¹⁸ Pessoa com HIV 'é uma despesa para todos', diz Bolsonaro (GULLINO, 2020).

Avaliamos que o *corpus* estudado, mesmo incipiente, está atento às mudanças em processo na trajetória da Aids no Brasil. De forma crítica e por vezes política, as pesquisadoras e pesquisadores acionaram objetos de pesquisa para tecer mecanismos de resistência aos discursos hegemônicos estigmatizantes em torno da epidemia. Recorremos a Evaristo (2006) para pensar que a escrita pode ser uma “vingança”, uma *escrevivência*, que ela pode ser solidária.

Em nosso percurso analítico, deparamo-nos com estudos que recorreram a métodos de caráter antropológico e aplicações pragmáticas, dando voz a pessoas que vivem com o HIV/Aids. Esse é um dado significativo, considerando o silenciamento e o afastamento desses indivíduos dos meios de produção de conteúdo ao longo de quase 40 anos, desde que a epidemia ficou conhecida — como demonstra o Índice de Estigma em Relação às Pessoas Vivendo com HIV¹⁹, realizado em 2019 em sete capitais brasileiras²⁰, apontando que um em cada três respondentes declararam ter vergonha de ser soropositivo para o HIV e sentem culpa por sua condição de saúde.

A visibilidade a estas vivências nos meios de comunicação e em publicações acadêmicas é um caminho que nos leva a vislumbrar, em uma realidade próxima e menos utópica, a proliferação do diálogo livre de amarras moralizantes, como ciência e como ato político. Dessa forma, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Por fim, evidenciamos que é preciso avançar em uma política articulatória, que desmistifique o HIV e a Aids, compreendendo a multidisciplinaridade como essencial nesse processo. O desafio é acelerar a produção científica em Comunicação e Saúde, acompanhando os avanços médico-biológicos e sociodiscursivos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA AIDS. **Morre o Departamento de Aids no Brasil: avanço da necropolítica.** 22 mai., 2019. Disponível em: <https://agenciaAids.com.br/artigo/morre-o-departamento-de-Aids-no-brasil-avanco-da-necropolitica/>. Acesso em 07 dez., 2020.

¹⁹ O Índice de Estigma (Stigma Index) é uma ferramenta global aplicada em mais de 100 países e utilizada para detectar e medir a mudança de tendências em relação ao estigma e a discriminação relacionados ao HIV a partir da perspectiva das pessoas soropositivas.

²⁰ Manaus/AM; São Paulo/SP; Recife/PE; Rio de Janeiro/RJ; Brasília/DF; Salvador/BA; e Porto Alegre/RS.



ALMEIDA, Marília. **Representação social das pessoas vivendo com HIV/AIDS na mídia impressa**. 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ARAÚJO, Inesita. Contextos, mediações e produção de sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde. **RECIIS**, v. 3, p. 42-52, 2009.

ARAÚJO, Inesita, CARDOSO, Janine. **Comunicação e Saúde**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. 152 p.

AZEVEDO, José Henrique. **Textualizando experiências com o HIV: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019.

AZEVEDO, Marina de Fátima. **Análise de seis cartazes oficiais sobre a vida das mulheres em relação ao HIV e à Aids**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BASTOS, Cristiana. **Ciência, poder, acção: as respostas à Sida**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2021**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Dez, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-contenido/boletins-epidemiologicos/2021/hiv-aids/boletim_aids_2021_internet.pdf/view>. Acesso em: 20/03/2023.

CAMPO, Amanda. **“Ousamos prescrever uma dieta de prazeres”: AIDS e a livre expressão sexual no jornal do Nuances**. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CAZEIRO, Felipe, Nogueira da Silva, Geórgia, Souza, Emilly. Necropolítica no campo do HIV: Algumas reflexões a partir do estigma da AIDS. **Cien Saude Colet**, abril, 2020. Disponível em: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/necropolitica-no-campo-do-hiv-algumas-reflexoes-a-partir-do-estigma-da-Aids/17560?id=17560>>. Acesso em: 15 dez 2020.

COSTA, Stéphanie. **Comunicação, campanhas e bioidentidades: discursos sobre o HIV entre governos, OSCs e soropositivos**. Dissertação (Mestre em Comunicação) Programa de pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2014.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Abia; 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa - estudos sobre a Aids**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.



FURTADO, Diolene. **Estratégias midiáticas na aprendizagem do tema DST/Aids: ações em rede para reduzir vulnerabilidades de adolescentes e jovens da comunidade de Mãe Luiza**, Natal-RN. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de pós-graduação em Estudos da Mídia, 105 pp, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. Loyola. São Paulo, 1996.

GALVÃO, Jane. **Aids no Brasil: agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro/São Paulo: ABIA/Editora 34, 2000.

GALVÃO, Jane. Aids na mídia: da “cura” ao mercado. In: **Comissão de Cidadania e Reprodução** (org.). Olhar sobre a mídia. Belo Horizonte, Mazza Ed., 2002.

GOFFMAN Ervin. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GULLINO, Daniel. Pessoa com HIV 'é uma despesa para todos', diz Bolsonaro. **O Globo**. 05, fev., 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/pessoa-com-hiv-uma-despesa-para-todos-diz-bolsonaro-24231125>. Acesso em: 07, dez., 2020.

HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 132, n. 37, p. 595-609, 2007.

ISTO É DINHEIRO. **Governo suspende exames de HIV, Aids e hepatites virais no SUS**. 7 dez., 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/governo-suspende-exames-de-hiv-Aids-e-hepatites-virais-no-sus/>, acesso em: 14 dez. de 2020.

MARIE CLAIRE. **Estudo revela que camisinha ainda é tabu entre mulheres no Brasil**. 22 nov. 2017. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Amor-e-Sexo/noticia/2017/11/estudo-revela-que-caminsinha-ainda-e-tabu-entre-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 15 dez 2020.

MBEMBE Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. São Paulo: 34, 2000.

PARKER, Richard. AGLLETON, Peter. **Estigma, discriminação e Aids**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2001.

PELÚCIO, Larissa. Ativismo Soropositivo: A Politização da Aids. **Ilha Revista de Antropologia**, v.9, n.1, p. 119-141, 2007.

REZENDE, Daniela. **Mulheres e Aids: silêncio e silenciamento**. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro, 2012.



SANTOS, Rafael. **Análise de coocorrência de palavras na pesquisa brasileira em HIV/AIDS indexada na Web of Science no período 1993-2013**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Jonas Lucas. **Ser PositHIVO: relatos da Aids em Pernambuco**. 47 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, Mônica Cristina. **Aids na cibercultura: a midiaticização da doença nas redes sociais online do Ministério da Saúde**. 137 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOARES, Rosana. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2001.

SONTAG Susan. **Doença como metáfora. Aids e suas metáforas**. Companhia de Bolso. São Paulo; 1989.

SQUIRE, Corinne. Being naturalised, being left behind: the HIV citizen in the era of treatment possibility. **Critical Public Health**, v. 20, n. 4, p. 401-427, 2010.

TREICHLER, Paula. **AIDS, Homophobia, and biomedical discourse: an epidemic of signification**. The MIT Press, v.47, 1987.

VAZ, Regina. **Padrões de disciplinaridade no campo de pesquisa sobre a Aids: uma prospecção a partir de publicações periódicas e pesquisadores**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PPGCI/UFMG. Belo Horizonte, 2008.

Original recebido em: 22 de dezembro de 2020

Aceito para publicação em: 24 de março de 2023

Renata Barreto Malta

Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPGCOM da UFS. Coordenadora no Grupo de Pesquisa GENI - Gênero e Interseccionalidades na Comunicação. Pós- Doutorado na Facultad de Comunicación, da Universidad de Sevilla - España. Pesquisadora bolsista do Programme Directeurs d'Études Associés DEA 2019, Paris, França. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (2013). Pesquisa principalmente nos seguintes temas: Estudos de Gênero e interseccionalidades (classe, raça, etnia, sexualidade, nacionalidade), Estudos Culturais e Comunicação Social, Representação social na mídia.

Gabriel dos Santos Cordeiro

Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da UFS. Pesquisador de temas do campo dos Estudos de gênero, masculinidade, coletas de dados em





PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

mídias digitais, comunicação, política e saúde pública no Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa GENI
- Gênero e Interseccionalidades na Comunicação.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

